



## A PALAVRA COMO ARMA: METÁFORAS DE GUERRA NA CONCEPTUALIZAÇÃO DO ANTAGONISMO VERBAL

### WORD IS WEAPON: WAR METAPHORS IN THE CONCEPTUALIZATION OF VERBAL ANTAGONISM

*Solange Coelho Vereza<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Apoiando-se na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), que se insere na área da Linguística Cognitiva, este artigo tem como objetivo investigar a natureza dos mapeamentos cognitivos, e seus efeitos de sentido, que são projetados do domínio-fonte GUERRA para diferentes domínios-alvo. Exploraremos, a partir da análise de 10 memes da internet, o modo com que elementos do *frame* GUERRA, como domínio-fonte, é projetado (mapeados) em domínios-alvo que dizem respeito a formas de antagonismo verbal e sua “arma” principal: a palavra. Os conceitos de *mapeamento* (FAUCONNIER, 1997), *metáfora conceptual* (LAKOFF; JOHNSON (1980 [2002])) e *metáfora situada* (VEREZA, 2013) representam a base teórico-metodológica da discussão empreendida a partir do *corpus*. A análise, além de corroborar o postulado da corporeidade que está no cerne da linguística cognitiva, revelou, mais especificamente, como a metáfora conceptual PALAVRA É ARMA licencia uma série de mapeamentos *online* (metáforas situadas) que evidenciam a ubiquidade da conceptualização bélica de PALAVRA e seus efeitos subjetivos. **PALAVRAS-CHAVE:** mapeamentos; metáforas de guerra; metáfora situada; *frames*.

#### ABSTRACT

Drawing on Conceptual Metaphor Theory (CMT), which falls within the area of Cognitive Linguistics, this article aims to investigate the nature of cognitive mappings, and their meaning effects, which are projected from the source domain WAR upon different target domains. We will explore, from the analysis of 10 internet memes, the way elements of the frame WAR, as a source domain, are projected on target domains that refer to different forms of verbal antagonism and their main “weapon”: the word. The concepts of *mapping* (FAUCONNIER, 1997), *conceptual metaphor* (LAKOFF; JOHNSON (1980 [2002])) and *situated metaphor* (VEREZA, 2013) represent the theoretical and methodological background of the discussion undertaken on the basis of the corpus. The analysis, as well as corroborating the postulate of embodiment that is at the heart of Cognitive Linguistics, revealed, more specifically, how the conceptual metaphor WORD IS WEAPON licenses a series of online mappings (situated metaphors) that evidence the ubiquity of the warlike conceptualization of WORD and its subjective effects.

**KEYWORDS:** mappings; war metaphors; situated metaphor; frames.

---

<sup>1</sup> Professora Titular do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [svereza@uol.com.br](mailto:svereza@uol.com.br).



## Introdução

Na obra publicada em 1980, *Metaphors we live by*, George Lakoff e Mark Johnson introduzem uma concepção de metáfora que viria revolucionar o modo com que pesquisadores e estudiosos dos fenômenos semânticos, de um modo geral, compreendiam e abordavam o que era visto, desde a tradição clássica, como uma figura de pensamento. A nova visão de metáfora não apenas deslocou o *locus* da metáfora da linguagem para o pensamento (entendido pelos dois autores como “sistema conceptual”), como ampliou consideravelmente o seu papel na própria construção sociocognitiva da realidade. Esse redimensionamento conceitual da metáfora se deve ao fato de que

a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual comum, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON (1980 [2002], p. 45)

Logo no capítulo introdutório do livro, Lakoff e Johnson ilustram essa nova perspectiva com um exemplo do que veio a ser chamado “metáfora conceptual”: “Para dar uma ideia de como um conceito pode ser metafórico e estruturar uma atividade cotidiana, começemos pelo conceito DISCUSSÃO e pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA”. (LAKOFF; JOHNSON (1980 [2002], p. 46). É importante salientar que, nesse mesmo parágrafo, os autores, pela primeira vez na literatura, apresentam dois importantes aspectos de sua teoria que seriam determinantes no modo com que, a partir de então, pesquisadores iriam fazer referência ou mesmo mostrar sua filiação a essa perspectiva. O primeiro é o uso do termo “metáfora conceptual”, que indica o estatuto epistemológico da metáfora como figura do pensamento. Desse modo, a metáfora conceptual se contrasta com o conceito tradicional de metáfora: uma figura de linguagem, praticamente restrita ao discurso poético ou retórico. Em segundo lugar, a marcação gráfica de uma metáfora conceptual, escrita em caixa alta, seria um indicador, convencionalizado, de seu papel cognitivo e não apenas linguístico e circunscrito a um dado evento comunicativo.

O que interessa mais diretamente à discussão aqui pretendida é a escolha dos autores pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA (*ARGUMENT IS WAR*, no original em inglês) e o modo com que essa foi explorada com o intuito de demonstrar a ubiquidade da metáfora, na perspectiva cognitiva, e sua presença em várias expressões linguísticas, como as que seguem<sup>2</sup>:

- Seus argumentos são *indefensáveis*.
- Ele *atacou* todos os pontos fracos de minha argumentação.
- Suas críticas foram *direto ao alvo*.
- *Destruí* sua argumentação.

---

2 Os exemplos foram retirados da página 46, da versão da obra em português, que recebeu o título *Metáforas da vida cotidiana* (2002), sendo traduzida pelo grupo GEIM, coordenado por Mara Sophia Zanotto.

- Jamais *ganhei* uma discussão.

Essas e outras expressões linguísticas encontradas na língua (no caso, língua inglesa) evidenciariam a força cognitiva da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, a elas subjacente. Assim, a metáfora conceptual “licenciaria” todas essas expressões (convencionais ou criativas), imprimindo uma clara coerência semântica entre elas.

A dicotomização entre as dimensões cognitiva e linguística da metáfora, ou seja, entre metáforas conceptuais e expressões linguísticas metafóricas, foi um marco importante da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), tendo importantes implicações teóricas e analíticas. A metáfora conceptual não seria apenas “um modo específico de expressão” que se caracterizaria por “falar de uma coisa no lugar de outra”, mas, de fato, *pensar* em uma coisa em termos de outra, e até mesmo *agir* em torno de uma coisa em termos de outra.

Essa visão, no que se refere à metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, foi assim explorada pelos autores:

É importante perceber que não somente falamos sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias. Se achamos uma posição indefensável, podemos abandoná-la e colocar-nos numa linha de ataque. Muitas das coisas que fazemos numa discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Embora não haja batalha física é uma batalha verbal, que se reflete na estrutura de uma discussão-ataque, defesa, contra-ataque etc. É nesse sentido que DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos em nossa cultura, ela estrutura as ações que realizamos numa discussão. (LAKOFF; JOHNSON (1980 [2002]. p. 47)

Ao apresentar, logo no capítulo introdutório, a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA e suas evidências linguísticas para ilustrar a nova concepção, de base cognitiva, da metáfora, Lakoff e Johnson (ibid.) apontam para um domínio-fonte, GUERRA, que, em pesquisas posteriores, como será discutido mais adiante, se revelou assustadoramente produtivo em nossa língua e cultura. Afinal, a conceptualização de muitas áreas subjetivas da experiência humana, a partir de lentes bélicas, não pareceria, para muitos, um gesto sociocognitivo moralmente louvável. No entanto, esse gesto, como sabemos, não é deliberado e, muitas vezes, nem mesmo consciente: ele surgiria como resultado da “sabedoria poética”, que o filósofo Giambattista Vico já havia descrito no século XVIII (HASKELL, 1987) e a Linguística Cognitiva (LC), a partir do postulado da corporeidade, ressignificou dentro do paradigma experiencialista. Segundo Silva (2006),

As metáforas conceptuais não são arbitrarias, antes, se fundamentam na experiência humana mais básica, particularmente na experiência corpórea ou modo como o corpo funciona e interage com o mundo. [...] A metáfora é assim um dos elementos fundamentais do experiencialismo ou realismo corpóreo (SILVA, 2006, p. 133).

Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste artigo é explorar a natureza dos mapeamentos, e seus efeitos de sentido, que são projetados do domínio-fonte GUERRA para diferentes domínios-alvo. Em um primeiro momento, trataremos do conceito de “mapeamento” e suas implicações para a caracterização de metáforas conceptuais. Exploraremos, a seguir, o *frame* GUERRA como domínio-fonte, e o modo com que elementos desse domínio são projetados (mapeados) em domínios-alvos que dizem respeito a formas de antagonismo verbal e sua “arma” principal: a palavra.

### **Mapeamentos metafóricos**

O Dicionário Online de Português<sup>3</sup> apresenta a seguinte definição para o substantivo “mapeamento”: “ato ou efeito de mapear”. Por sua vez, o verbo “mapear” é assim definido: “expor através de um mapa; construir ou confeccionar um mapa de algo ou de algum lugar”. Os exemplos apresentados pelo Dicionário, como em (1), porém, apontam para um uso metafórico de mapear, uma vez que o “mapa” resultante da ação de mapear (mapa de uma dada situação, como emprego, pandemia etc.) não é necessariamente o mapa geográfico pressuposto na definição.

(1) Em 2007, criaram o Comitê para o Emprego dos Refugiados Palestinos no Líbano (FCEP, na sigla em inglês), com o objetivo de **mapear** a situação do emprego nos campos de refugiados do país e apontar soluções. (*Folha de S.Paulo*, 07/07/2009)

O conceito de “mapeamento” na LC, no entanto, não implica “um modelo (um mapa) da estrutura subjacente de um dado lugar (uso literal) ou de uma situação ou evento (uso metafórico)” (VEREZA, 2020). A ideia de “projeção” parece ser central para a compreensão dessa noção dentro da perspectiva cognitivista, assumindo, na teoria, duas formas diferentes, porém complementares.

Em primeiro lugar, o mapeamento na construção de sentidos, segundo Coulson (2001), seria o processo de seleção de elementos de um *frame*, de caráter bem geral, com base nas especificidades do contexto (endo ou exofórico, seguindo os termos de Halliday e Hasan (1976) de uma dada situação comunicativa). Essa seleção de determinados elementos do *frame*, e não de outros, seria responsável pelo *construal* de objetos de discurso. O exemplo explorado por Coulson (COULSON, 2001, pp 13-17) é o uso da palavra “bola”, que, dependendo do contexto, pode recrutar elementos que perfilam o sentido de bola de futebol, bola de boliche ou até mesmo, de forma metonímica, uma melancia (a forma pelo objeto) - como no caso de crianças brincando de jogar bola com a fruta e uma delas diz, após o jogo, que a “bola” (a melancia) era muito pesada. Há, assim, um mapeamento de elementos do *frame* mais geral e abstrato BOLA sobre o sentido específico de “bola” em um determinado contexto.

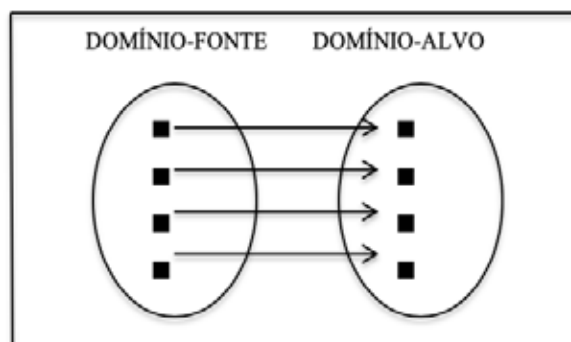
Já o mapeamento, no caso da metáfora, envolveria projeções ou *transporte* (conceito

---

3 Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mapeamento>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

inscrito, etimologicamente, no próprio termo *metáfora*), de elementos de um domínio-fonte (ou um *frame A*) para um domínio-alvo (um *frame B*): ou seja, o mapeamento seria de natureza *interdomínio*:

Figura 1: mapeamento metafórico



As projeções não são estabelecidas, no entanto, entre os domínios como um todo, mas apenas entre elementos específicos do domínio “A” (fonte) e elementos correlacionáveis (ou correlacionados pela própria projeção) do domínio “B” (alvo), com base naquilo que se queira realçar e, conseqüentemente, encobrir. Esse processo (*highlighting* e *hiding*) foi explorado teoricamente por Lakoff e Johnson (1980 [2002]) como sendo um aspecto central da metáfora conceptual. A figura 1 ilustra esse mapeamento, apesar de não mostrar os elementos de ambos os domínios que *não* foram correlacionados; caso o fossem, não teríamos uma metáfora, mas possivelmente uma sinonímia (considerando apenas os elementos semânticos e não pragmáticos). Fauconnier (1997, p. 9) sugere, assim, que os “mapeamentos projetam parte da estrutura de um domínio para outro”<sup>4</sup>, estruturando tanto metáforas conceptuais, compartilhadas sociocognitivamente pelos membros de uma comunidade discursiva, quanto metáforas situadas (VEREZA, 2013), produzidas, deliberadamente, em eventos comunicativos específicos e a eles circunscritas.

### GUERRA como domínio-fonte

Vários estudos com base na Teoria Conceptual da Metáfora (por exemplo, Carvalho, 2012; Flusberg, Matlock & Thibodeau, 2018) têm evidenciado a produtividade significativa do *frame* GUERRA como domínio-fonte. Isso não parece ser uma surpresa quando tratamos de culturas em que o antagonismo entre indivíduos, grupos sociais e até mesmo nações, exacerbado no cenário de guerra, parece marcar a história da humanidade (ANDRE, 2012). Essa ubiquidade de GUERRA como fonte de mapeamentos metafóricos pode ser explicada pelo fato de que

muitos tópicos frequentes de discussão se assemelham à guerra. Eles compartilham relações estruturais e podem evocar emoções semelhantes. Tudo, desde argumentos, esportes, política e relacionamentos a cuidados de saúde, fenômenos biológicos fundamentais (por exemplo, espécies “invasoras”) e até pesquisas científicas têm algo em comum com a guerra. Argumentos, política

<sup>4</sup> No original: *Mappings will project part of the structure of one domain onto another* (Tradução nossa).

e esportes, por exemplo, são como guerra porque envolvem um conflito entre forças opostas, exigem decisões estratégicas a serem tomadas sobre como alocar recursos, desdobrar-se com o tempo e ter vencedores e perdedores identificáveis. Como resultado, o domínio guerra pode servir como um domínio-fonte adequado para estruturar o modo com que nos comunicamos e pensamos sobre uma ampla gama de tópicos. (FLUSBERG, MATLOCK & THIBODEAU, 2018, p. 4)<sup>5</sup>

Um domínio-alvo, cuja base semântico-cognitiva é estruturada, em grande parte, pelo domínio-fonte GUERRA, é o FUTEBOL. Esse domínio é conceptualizado em termos de guerra a partir de um grande número de projeções que, de tão convencionalizadas linguística e cognitivamente, tornam praticamente impossível falarmos e pensarmos no futebol (ganhar-perder um jogo, o artilheiro do jogo, vitória-derrota, defesa-ataque etc.) sem evocarmos o *frame* GUERRA. Rocha (2017) propôs o seguinte esquema para mostrar alguns dos principais mapeamentos da metáfora FUTEBOL É GUERRA:

**Figura 2:** Mapeamentos de FUTEBOL É GUERRA

<b>Domínio Fonte = GUERRA</b>	<b>Domínio alvo = FUTEBOL</b>
• (a) uma guerra	• (a) um campeonato de futebol
• (b) a batalha	• (b) o jogo de futebol
• (c) o campo de batalha	• (c) o campo de futebol
• (d) a população de uma cidade, um país	• (d) os torcedores de um clube, uma seleção
• (e) os soldados (combatentes)	• (e) os jogadores
• (f) países (Estados, nações)	• (f) clubes (times)
• (g) Generais (comandantes)	• (g) técnicos de futebol
• (h) artilheiros	• (h) atacantes goleadores
• (i) táticas de guerra	• (i) táticas de jogo
• (j) vítimas (mortos)	• (j) (clubes, times) derrotados
• (k) feridos	• (k) Clubes (times) em desvantagem
• (l) Vencedores da guerra	• (l) ganhadores do jogo (partida)
• (m) arrasar o adversário	• (m) golpear
• (n) fuzilar	• (n) chutar com (violência) força contra o gol (a meta) adversária
• (o) canhão	• (o) chute potente desferido contra a meta adversária
• (p) bala (balaço)	• (p) bola chutada em alta velocidade contra o gol adversário

Fonte: Rocha (2017)

5 No original: *Many common topics of discussion resemble war. They share structural relations and can evoke similar emotions. Everything from arguments, sports, politics, and relationships to healthcare, fundamental biological phenomena (e.g., “invasive” species), and even scientific research have something in common with war. Arguments, politics, and sports, for example, are like war because they involve a conflict between opposing forces, require strategic decisions to be made about how to allocate resources, unfold over time, and have identifiable winners and losers. As a result, the domain of war can serve as an apt source domain to structure how we communicate and think about a wide range of topics.* (Tradução nossa)



Pela sua ubiquidade como fonte de projeções nos mais diversos tópicos (domínios-alvo), faz-se necessário, no momento, examinar, mesmo que brevemente, algumas definições de dicionários, além de usos do termo “guerra” em um *corpus* eletrônico.

O *Dicionário Online de Português* oferece as seguintes definições para o termo “guerra”:

- 1- Luta armada entre nações ou entre partidos; conflito armado entre povos ou etnias diferentes, buscando impor algo pela força.
- 2- Combate armado; conflito: a manifestação terminou em guerra.
- 3- Qualquer luta sem armas: guerra ideológica, religiosa.
- 4- Conflito hostil: guerra entre escolas.
- 5- Luta declarada contra algo prejudicial: guerra à dengue.

Podemos observar que o sentido que parece recrutar quantitativa e qualitativamente os elementos canônicos ou prototípicos de GUERRA parece ser contemplado na definição (1). A definição (2), apesar de implicar agressão física, não envolve o conflito armado “entre povos e etnias”. As definições (3), (4) e (5), por sua vez, parecem se afastar da estrutura prototípica de “guerra”, uma vez que não há conflito físico, mas um antagonismo de ideias ou um enfrentamento formalizado e sistemático de uma dada situação vista como ameaçadora (“guerra à dengue”, como em (5)).

Do mesmo modo, o *Dicionário Michaelis Online*<sup>6</sup> oferece definições que parecem indicar uma escala que vai do sentido mais prototípico (possivelmente mais literal: (1)), àqueles menos prototípicos (possivelmente mais metafóricos (2), (3), (4) e(5)), escala essa que pode ser concebida como uma “estrutura radial” (LAKOFF, 1987):

- 1- Luta armada entre nações, etnias diferentes ou partidos de uma mesma nação, por motivos territoriais, econômicos ou ideológicos: “Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos” (LB2).
- 2- Qualquer luta ou combate com ou sem armas; combate, conflito, disputa.
- 3- por ext A arte militar.
- 4- Administração, negócios e burocracia militares.
- 5- Hostilidade acirrada e oposição a alguém: O casal vivia constantemente em guerra.

Os sinônimos de “guerra” propostos pela página *Dicionário-Sinônimo*<sup>7</sup> e a forma com que foram organizados na página, ou seja, a partir de quatro sentidos, também refletem o grau de proximidade ou distância do sentido mais prototípico (1)

6 Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=MxNL> > Acesso 23 Jul.2020.

7 Disponível em:< <https://www.dicionario-sinonimo.com/sinonimos-guerra>>Acesso em 16 Jul 2020.

1- Luta armada entre duas nações, partidos, etnias:

*batalha, conflito, confronto, conflagração, armada.*

2- Qualquer tipo de luta:

*luta, combate, briga, disputa, peleja, contenda, porrada, enfrentamento, pugna, escaramuça, bulha, lide, refrega.*

3- Operações militares:

*expedição, empresa, campanha.*

4- Desentendimento:

*desentendimento, desavença, discórdia, oposição, hostilidade, rivalidade, inimizade.*

Um aspecto relevante acerca da etimologia da palavra “guerra” seria o fato dessa “proceder do germânico *werra* (de onde virá igualmente o *war* inglês), cujo significado inicial não era o de conflito sangrento, mas algo mais na linha da discordância, que podia nascer de uma simples discussão verbal e chegar, no máximo, a um duelo”<sup>8</sup>. Ou seja, o sentido mais abstrato, normalmente associado a mapeamentos metafóricos, precedeu o seu sentido mais concreto, presente nas definições (1) propostas pelos dois dicionários mencionados anteriormente, aparentando desafiar, assim, um dos postulados centrais da TMC: a suposta direcionalidade “concreto para abstrato” da metáfora.

Para verificar a frequência dos usos mais ou menos prototípicos do item lexical “guerra”, por meio de seus colocados, em um corpus autêntico, realizou-se uma breve pesquisa na página do *Corpus do Português*<sup>9</sup>. Os dez primeiros colocados desse item lexical (figura 3) indicam, em sua maioria (como pode ser observado em uma breve leitura dos textos em que as linhas de colocados se inserem), acontecimentos de guerra reais, seguindo a primeira acepção de “guerra” acima mencionada, que tem um caráter não-metafórico.

**Figura 3:** Colocados de “guerra”

	CONTEXTO	FREQ	TODOS	%	IM
1	MUNDIAL	18589	157332	11.82	7.04
2	SEGUNDA	10352	181628	5.70	5.99
3	CIVIL	10041	125699	7.99	6.48
4	CONTRA	5600	581357	0.96	3.42
5	FRIA	5399	26624	20.28	7.82
6	DURANTE	3991	535218	0.74	3.04
7	PRIMEIRA	3597	447381	0.80	3.16
8	COLONIAL	3056	22465	13.60	7.24
9	II	2919	102958	2.84	4.98
10	DOS	1962	248592	0.79	3.14

Fonte: Corpus do Português

De modo semelhante, uma pesquisa em língua inglesa, Vereza (2008) constatou, após

8 Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>> Acesso em 18 Jul 2020.

9 Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>> Acesso em 18 Jul 2020.



o exame dos textos em que as linhas de “*concordance*” se inseriam, que a maioria dos dez colocados mais frequentes do item lexical *war* (guerra) instanciava a conceptualização mais concreta, literal (não-metafórica) do *frame* WAR: *civil, during, end, post, agaisnt, since, first, before, years, between, year, now, crimes, prisoners, peace, country, go, ground, long*. No entanto, a preposição *against* (contra) indica, com frequência significativa, usos metafóricos desse item, como por exemplo:

Many women now realise that rape is a **war against women**.

An American **war against the evil of cigarette papers**

But in the **war against sloppy English** in the playgro

the essays in Peter Shaw’s ‘The **War Against the Intellect**

Já uma busca na Plataforma *Google* com a expressão “guerra contra” indicou, da mesma forma do que em inglês, vários usos metafóricos do item lexical “guerra”, como por exemplo:

- **guerra contra** as cadeias de suprimento
- **guerra contra** o globalismo
- **guerra contra** as armas
- **guerra contra** a imprensa
- **guerra contra** redes sociais
- **guerra contra** a verdade
- **guerra contra** o câncer
- **guerra contra** os germes
- **guerra contra** a dengue
- **guerra contra** a Covid-19

No geral, são guerras contra comportamentos, ideias, tendências, políticas públicas e, com alta frequência, doenças, principalmente a COVID-19, por ser a fonte da pandemia do novo Coronavírus, que se alastrou, e ainda se alastra (durante a elaboração deste artigo) no mundo todo. As metáforas de guerra no enfrentamento de doenças são muito frequentes, sendo objeto de pesquisas na área da Linguística Cognitiva, uma vez que a conceptualização de DOENÇA como INIMIGO parece ser consolidada em diferentes línguas e culturas (ver, por exemplo, HENDRICKS, DEMJÉN, SEMINO & BORODITSKY, 2019).

Em todos os usos metafóricos identificados, o que parece ser mapeado, essencialmente, é o elemento “antagonismo”, que, traduzido em termos concretos e físicos, toma forma de uma

luta, ou, com uma estrutura ainda mais complexa, a partir de projeções de vários elementos, de uma guerra. No caso da metáfora com que iniciamos a presente reflexão, DISCUSSÃO É GUERRA, esse antagonismo é lexicalizado nos seguintes termos, que constituem o grupo “4”, proposto pelo Dicionário de Sinônimos, mencionado anteriormente neste trabalho:

“Guerra” como *desentendimento*:

*desavença, discórdia, oposição, hostilidade, rivalidade, inimizade.*

Esse antagonismo pode ir também para “as vias de fato”, como indica a figura (4), o que caracteriza muito do que hoje entendemos como violência doméstica:

**Figura 4:** “vias de fato”<sup>10</sup>



Sabe-se, no entanto, que a agressão física não é a única forma de violência. Há a “guerra psicológica”, ou, em termos jurídicos, “violência psicológica” ou “agressão emocional”, que toma a forma de comportamentos violentos como “ameaças, constrangimentos, humilhações, chantagens”<sup>11</sup>, condutas hoje também punidas pela Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, publicada em 7/8/2006. Nesse tipo de agressão, as palavras viram as armas dessa guerra psicológica; o agressor, o inimigo, e a mulher, a vítima. E é sobre a metáfora conceptual PALAVRA É ARMA, um desdobramento cognitivo da metáfora superordenada DISCUSSÃO É GUERRA, que nos debruçaremos na seção a seguir.

### **A palavra como arma: uma análise**

Em acontecimento recente, com grande repercussão nas redes sociais, envolvendo uma entrevista feita por um apresentador de um noticiário de TV com um líder sindical, a respeito de uma paralisação de metroviários (que acabou não acontecendo), houve inúmeras postagens de comentários feitos por internautas, em sua maioria exaltando a resposta do sindicalista à

<sup>10</sup> Disponível em <<https://carreiradoadvogado.com.br/2017/04/20/vias-de-fato-e-violencia-sexista/>>  
Acesso em: 20 Jul 2020.

<sup>11</sup> Ver página do Tribunal de Justiça do Distrito Federal: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/violencia-psicologica-contra-a-mulher>>. Acesso em 25 Jul.2020.

pergunta do jornalista. Nessa pergunta, parecia haver uma crítica subliminar ao movimento grevista, que, segundo o entrevistador, não estaria considerando as necessidades de transporte da população no meio da pandemia do novo Coronavírus. O líder sindical responde, de modo bastante assertivo, que a falta de solidariedade não vinha da parte dos metroviários, mas sim dos bilionários que estariam ficando ainda mais ricos durante a pandemia. Muitas das reações de internautas, em forma de comentários na página de uma revista online<sup>12</sup>, mostravam apoio à resposta do líder sindical, perspectivando uma cena de “luta verbal”. Alguns exemplos de tais comentários:

- “Nossa, Senhora, o jornalista *levou uma direta no queixo*, heim?”
- “Olha, (jornalista), você está bem aí? Foi um *pisão bem violento*. Aguenta agora”.
- “*Toma na cara* aí, distraído” • “*Uma voadora no meio dos peitos*, bicho!”
- “*Uma sapatada* dessas... alegrou minha tarde”.
- “Parabéns, podemos dizer que foi um p\* tapa na cara do apresentador”
- “O (líder sindical) será o *operador de guilhotina*”.
- “Rapaz, o cara simplesmente *jantou* o (jornalista) ao vivo”.

Os comentários instanciam mapeamentos do domínio-fonte LUTA, uma extensão de GUERRA, para o cenário de um embate físico de caráter mais individual, por meio dos seguintes veículos: “levar uma direita”, “pisão”, “toma na cara”, “voadora” (um golpe típico de artes marciais), “sapatada”, “tapa na cara”. Já o verbo “jantar”, usado metaforicamente (“jantar o oponente”), é assim definido no dicionário da plataforma *Google*: levar vantagem sobre; superar, suplantar: “jantou o adversário nos últimos minutos”. Esse mapeamento parece indicar uma correlação entre o ato de comer e o de, ao mesmo tempo, acabar (exterminar) com o alimento devorado.

Em todo caso, a “luta” travada entre o entrevistador e o entrevistado é de natureza verbal e não física, o que caracteriza o domínio-alvo DISCUSSÃO. Nessa arena bélica, as palavras tornam-se armas e, como tais, são experiencialmente vivenciadas pelos adversários dessa luta/ guerra. Esse mapeamento específico da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, pela sua ubiquidade em nossa língua e cultura, pode ser abordado, como já afirmado anteriormente, como uma metáfora conceptual em si mesma: PALAVRA É ARMA.

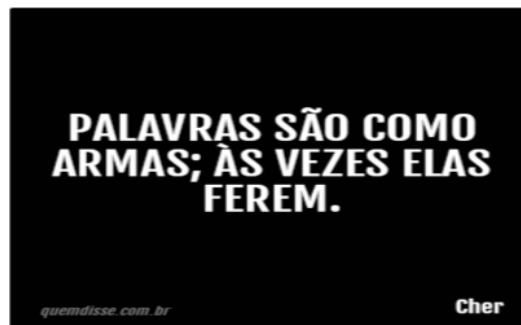
Para investigar as instanciações verbais e multimodais dessa metáfora, procuramos memes de internet na plataforma *Google*, a partir da opção “imagens” e dos termos de busca “palavras armas”. Selecionamos, como *corpus*, dez memes, entre os vários que apareceram nos

<sup>12</sup> Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/rodrigo-bocardi-resposta/>. >. Acesso em: 30 Jul. 2020.

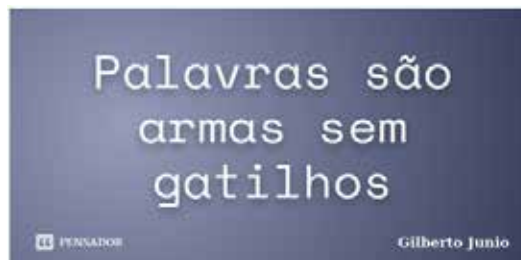
resultados da busca, que serão brevemente analisados a partir dos mapeamentos metafóricos neles identificados. Examinaremos como esses mapeamentos ao mesmo tempo evocam e exploram, cognitivamente e discursivamente, a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA.

Ao discutirmos os memes, lançaremos mão do conceito de “metáfora situada”, além do de “metáfora conceptual”, para nos referirmos aos mapeamentos específicos encontrados no *corpus*. Segundo Vereza (2013), as metáforas situadas pertencem ao domínio cognitivo-discursivo, pois são fenômenos pertinentes a um evento específico do discurso. As metáforas situadas são deliberadas e podem ser vistas como uma poderosa ferramenta retórica e/ou argumentativa na construção de objetos do discurso.

**Figura 5:** Palavra como arma <sup>13</sup>



**Figura 6:** Palavra como arma sem gatilho <sup>14</sup>



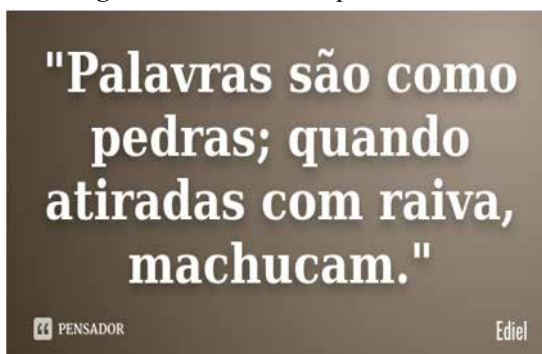
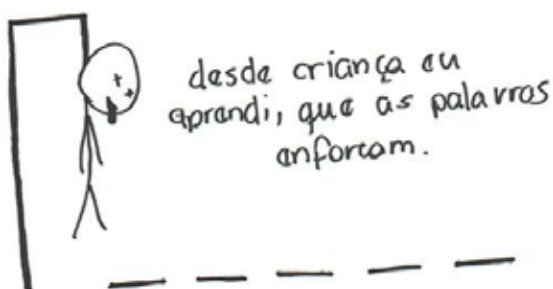
**Figura 7:** Palavra como espada <sup>15</sup>



13 Disponível em : <<https://quemdisse.com.br/frase/palavras-sao-como-armas-as-vezes-elas-ferem/98490/>> . Acesso em: 20 Jul. 2020.

14 Disponível em <<https://www.pensador.com/frase/MjIwMTk5Nw/>> . Acesso em: 20 Jul. 2020.

15 Disponível em: <[https://aminoapps.com/c/cristaos-amino/page/blog/palavras-machucam/1opr\\_owu6u0EYpGWaD14mr8XEYDnK11kMk](https://aminoapps.com/c/cristaos-amino/page/blog/palavras-machucam/1opr_owu6u0EYpGWaD14mr8XEYDnK11kMk)> . Acesso em: 20 Jul. 2020.

**Figura 8:** Palavra como urtiga<sup>16</sup>**Figura 9:** Palavra como pedra<sup>17</sup>**Figura 10:** Palavra como força<sup>18</sup>**Figura 11:** Palavra como bomba<sup>19</sup>

16 Disponível em: <<https://montink.com/produto/palavras-machucam>>. Acesso em: 20 Jul 2020.

17 Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MjMwOTIyMA/>>. Acesso em: 20 Jul.2020.

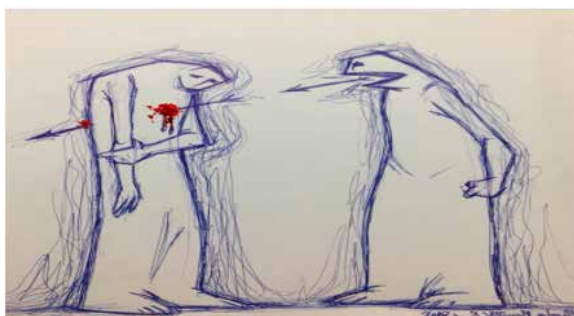
18 Disponível em: <[https://aminoapps.com/c/desabafe-5393916/page/blog/as-palavras-enforcam/rVeM\\_05teur1aLvvg3BbNoK53386Qm8Zm4](https://aminoapps.com/c/desabafe-5393916/page/blog/as-palavras-enforcam/rVeM_05teur1aLvvg3BbNoK53386Qm8Zm4)>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

19 Disponível em: <<https://saopaulonaoquersercinza.wordpress.com/tag/palavras-machucam/>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

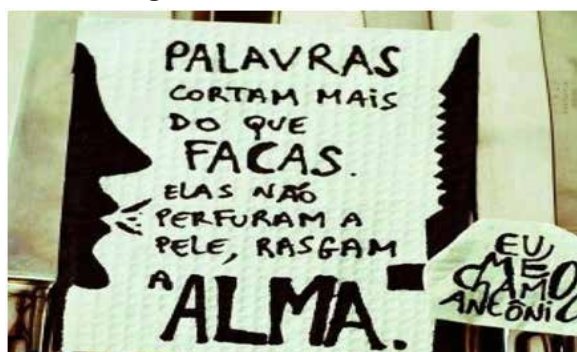
**Figura 12:** Palavra como revolver<sup>20</sup>



**Figura 13:** Palavra como flecha<sup>21</sup>



**Figura 14:** Palavra como faca<sup>22</sup>



**Figura 15:** Palavra/língua como fogo<sup>23</sup>



20 Disponível em: <<https://www.imgrum.pw/tag/machucam>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

21 Disponível em: <<https://www.pinterest.com/bts4321/pra-salvar-dps-2/>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

22 Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/801500064903751107/>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

23 Disponível em: <<https://me.me/i/lingua-a-como-fogo-uma-sca-pode-iniciar-um-incendio-9784864>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.



Figura 16: Palavra/língua como cobra<sup>24</sup>

Nos memes encontrados a partir da busca feita na plataforma *Google*, apresentados nas figuras de 5 a 16, identificamos mapeamentos que podem ser abordados como especificações da metáfora conceptual PALAVRA É ARMA, que se torna explícita através do símile na figura 1 “Palavras são como armas” e da metáfora na figura 2 “Palavras são armas sem gatilho”.

Os mapeamentos dos memes representam metáforas situadas, que têm como domínio-fonte um tipo específico de *arma* e como domínio-alvo a *palavra*. Assim, as metáforas situadas identificadas seriam as seguintes:

*Palavra é espada*

*Palavra é revolver*

*Palavra é urtiga*

*Palavra é flecha*

*Palavra é pedra*

*Palavra é faca*

*Palavra é forca*

*Palavra é fogo*

*Palavra é bomba*

*Palavra é cobra*

Todas as metáforas situadas seriam, portanto, instanciações específicas, deliberadas e, em grande parte, circunscritas aos contextos em que se inserem. A metáfora conceptual que as licencia seria PALAVRA É ARMA, que, por sua vez, seria uma projeção de um elemento do domínio-fonte da metáfora mais abrangente DISCUSSÃO É GUERRA. O elemento mapeado, assim, de GUERRA seria *arma*.

Cada arma especificada nas metáforas situadas “machucaria” ou “mataria” de um modo particular. Dessa forma,

- A palavra-espada *fere/corta*;
- a palavra-urtiga *queima/arde*;
- a palavra-pedra *atinge/machuca*;
- a palavra-forca *enforca*;
- a palavra-bomba *explode*;

<sup>24</sup> Disponível em <<https://linomar31.wordpress.com/2014/08/20/o-cuidado-com-a-lingua/>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

- a palavra revolver *atira/mata*;
- a palavra-flecha *fura/ferre/mata*;
- a palavra-faca *corta*;
- a palavra-fogo *queima* e
- a palavra-cobra *envenena*.

Os desdobramentos das metáforas situadas em ações e efeitos que esses causam são, com exceção das figuras 13 e 16, explicitados nos próprios memes, como os das figuras 14 e 15:

“Palavras cortam mais do que facas; elas não perfuram a pele, rasgam a alma”

“A língua é como fogo: uma faísca pode iniciar um incêndio e destruir uma floresta inteira.”

No primeiro caso, a pele (pertencente ao domínio concreto, literal, que é o lugar do corpo atingido diretamente pela arma-faca), dá lugar à alma, que, no domínio abstrato, seria a fonte de sentimentos, o alvo das palavras. No segundo caso, o poder destruidor do fogo, que “causa incêndios e destrói florestas”, é projetado para o poder das palavras, cuja “devastação” se dá em nível puramente subjetivo.

Observa-se que, na Figura 15, temos uma metonímia bastante convencional “a língua pela palavra”. Aqui, a metonímia conceptual (LAKOFF; JOHNSON (1980 [2002]) PARTE DO CORPO POR UMA DE SUAS FUNÇÕES é recrutada, como, por exemplo, nas expressões metafóricas convencionalizadas: *meu braço direito*; *mão na roda*; *o cabeça da turma*, *ombro amigo* e *língua ferina*.

As metáforas situadas identificadas, portanto, são traduzidas, em seus domínios-fonte, de “palavras-como-armas” para os efeitos subjetivos que elas produzem. Os exemplos a seguir, retirados de páginas da Internet, evidenciam esses efeitos, na expressão dos sentimentos deles resultantes: a dor física, experienciada corporeamente, em maior ou menor grau, por todos os indivíduos, é projetada para a dor psicológica, aparentemente com grande eficácia cognitiva:

- As palavras duras me atingiram como *uma bofetada*.
- Suas palavras doem mais do que uma *facada*...
- Suas palavras me atingiram mais do que se eu fosse *fuzilada*, mais do que se estivessem *arrancando o meu coração* ou até mesmo mais do que se eu estivesse *morta*.
- As palavras *me quebraram*, cai de joelhos e fiquei sem saber o que dizer. • Eu sou sensível às palavras que me *machucam*.
- Com meia dúzia de palavras, você me *feriu* profundamente.

## Considerações finais

As metáforas situadas exploradas neste estudo, ancoradas pela metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, mostram como as experiências sensório-motoras são fontes de importantes conceptualizações, corroborando, assim, a hipótese defendida pelo *Realismo Corpóreo* (LAKOFF & JOHNSON, 1999, p. 74). A “guerra de palavras”, com suas diversas armas manipuladas pelo “inimigo” (o oponente em uma discussão), provoca ferimentos e dor. Dessa forma, muitos dos elementos que compõem o *frame* (ou a “cena”) de guerra, que inclui o *inimigo*, as *armas*, os *ferimentos*, as *vítimas* e os *efeitos* das armas nas vítimas, são mapeados no cenário-alvo do antagonismo verbal, mostrando como a metáfora estrutura a experiência humana e, por essa razão, seu papel em muito transcende o âmbito da linguagem. Como afirma, metaforicamente, Geary (2012, p. 73), “metáforas não são babados retóricos na beirada do que pensamos: elas estão no próprio coração do pensamento”<sup>25</sup>.

Muitas vezes, o que desencadeia a guerra, pode ser também fonte de paz. Afinal, GUERRA não é o único *frame* que é convocado como domínio-fonte na conceptualização de PALAVRA. Palavras podem também ser percebidas, sentidas e vivenciadas como algo que acalma, acalenta, diverte e que traz paz:

Figura 17: a palavra pacificadora<sup>26</sup>



O nosso foco teórico e analítico no *frame* GUERRA como domínio-fonte, que licencia muitas metáforas em nossas língua e cultura, junta-se ao esforço empreendido na direção de atender o “compromisso sociosemiótico” da Linguística Cognitiva (GEERAERTS, 2016). A guerra metafórica está no nosso cotidiano: colocamo-nos em estado de guerra contra acontecimentos, situações e, principalmente, contra quem vemos como adversários. Buscar, portanto, compreender, teórica e analiticamente, o papel cognitivo-discursivo do enquadramento de PALAVRA como ARMA, nesse cenário de GUERRA, surge como uma contribuição, mesmo que modesta, para a reflexão sobre o tema, que gera, inclusive, novas perguntas e novos caminhos para futuras investigações. Entre esses caminhos, apontamos o papel dos esquemas

25 No original: *Metaphors are not rhetorical frills at the edge of how we think. They are at the very heart of it.* (Nossa tradução)

26 Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=MeqQOa\\_nke0#:~:text=#ora%C3%A7%C3%A3o%20#focoemcristo%20#Deus](https://www.youtube.com/watch?v=MeqQOa_nke0#:~:text=#ora%C3%A7%C3%A3o%20#focoemcristo%20#Deus)>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

imagéticos (LAKOFF, 1987), principalmente aqueles que se inserem na “dinâmica de forças” (TALMY, 1988), em que haveria um *agonista* e um *antagonista*. A hipótese a ser explorada seria a de que as palavras-armas, personificadas ou como metonímias (instrumento pelo portador do instrumento), exerceriam a função de antagonista, e suas “vítimas”, o agonista. Essa perspectiva teórico-analítica teria o potencial de trazer luz à conceptualização do “antagonismo verbal” abordado neste trabalho.

Finalmente, um caminho também promissor seria o exame das metáforas de GUERRA a partir da perspectiva crítica da metáfora (GOATLY, 2007), com foco na dimensão ideológica dos mapeamentos estudados e seus efeitos de sentido.

Os caminhos à frente, portanto, são muitos; como o são as perspectivas que a Linguística Cognitiva oferece para trilhá-los. Não poucas vezes as próprias perspectivas são percebidas como estando “em guerra”, como assim interpreta Gibbs (2017), em seu livro *Metaphor wars* (Guerras das metáforas). No entanto, em consonância com Andre (2012), vejo esse possível conflito como visões que mais se complementam do que se excluem; mais dialogam do que se antagonizam. E é para esse diálogo que este estudo procura contribuir.

## Referências

ANDRÉ, J. G. O conceito de antagonismo na filosofia política de Kant. *Trans/Form/Ação*, v.35, n.2. p. 31- 49, 2012.

CARVALHO, S. N. A guerra nas palavras: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica do Presidente George W. Bush e de seus colaboradores. In: VEREZA, S. (Org.). *Sob a ótica da metáfora*. Niterói: EDUFF, 2012, p. 213-235.

COULSON, S. *Semantic leaps: frame shifting and conceptual blending in meaning construction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

FLUSBERG, S.; MATLOCK, T.; THIBODEAU, P. War metaphors in public discourse. *Metaphor and Symbol*, v.33, n. 01, p.1-18, 2018.

GEARY, J. I. *Is an other: the secret life of metaphor and how it shapes the way we see the world*. Nova Iorque: Harper, 2012.

GEERAERTS, D. The sociosemiotic commitment. *Cognitive Linguistics*, v. 27, n. 4, p. 527-542, 2016.

GIBBS, R. W. *Metaphor wars: conceptual metaphors in human life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

GOATLY, A. *Washing the brain: metaphor and hidden ideology*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman: 1976.

HASKELL, R. Giambattista Vico and the discovery of metaphoric cognition. In: HASKELL, R. (Org.). *Cognition and symbolic structures: the psychology of metaphoric transformation*. Norwold: Ablex, 1987, p. 67-82.

HENDRICKS, R.; DEMJÉN, Z.; SEMINÓ, E.; BORODITSK L. Emotional implications of metaphor: consequences of metaphor framing for mindset about cancer. *Metaphor and Symbol*, vol. 33, n. 4, p. 267-279, 2019

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. ; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Cambridge: Cambridge University Press.1980. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução pelo grupo GEIM. São Paulo: Educ/Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G. ; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh*. Nova Iorque: Basic Books, 1999.

ROCHA, C. R. M. *A linguagem bélica do futebol: suas manifestações e suas implicações dentro e fora dos campos*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SILVA, A. S. *O mundo dos sentidos em português*. Coimbra: Almedina, 2006.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, vol.12, n.01, p.49-100, 1988.

VEREZA, S. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013.

\_\_\_\_\_. Exploring metaphor in corpora: a study of “war” in corpus generated data. In: ZANOTTO, M.; CAMERON, L.; DEIGNAN, A. *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 163-181.

\_\_\_\_\_. “Moral da história”: macromapeamentos cognitivo-discursivos como estratégia argumentativa. 2020. *No prelo*.